

UNIÃO FIGUEIROENSE

Administrador e proprietário — José M. F. David

PUBLICAÇÕES

Comunicados e annuncios contendo accusações a particulares ou relativos á vida privada dos cidadãos não se publicam.

Composto e impresso nas officinas da UNIÃO FIGUEIROENSE. Redacção e

Administração, Rua Luiz Quaresma Val do Rio

Semanario Republicano

DIRECTOR POLITICO — Miguel A. A. Correia

Secretario da redacção — ALFREDO S. PIMENTA

Editor — Alfredo Lencastre e Barros

ASSIGNATURAS

Annuncios por cada linha 40 réis, repetições	20
Anno, pagamento adeantado	1\$200
Semestre	600
Brazil (mosda forte)	2\$000
Africa	1\$200
Numero avulso	30

AO GOVERNO DA REPUBLICA

MUITO GRAVE

A reacção campeia infrenemente — Conspiradores em liberdade — A «Portugueza» afflige os «monarchistas» O seu «agente» em Lisboa, auctor de criminosas falcatruas — A manifestação á Republica, em homenagem ao Dr. Affonso Costa — Boatos e boateiros!!

Não nos cançaremos já agora de insistir perante o Governo da Republica para que justiça seja feita á nossa causa, que é a causa da Patria, a causa da Liberdade, a causa da Republica.

Temos feito n'este jornal queixas de factos gravissimos, que muito systematica e perigosamente não têm sido attendidas. Pois, não obstante essa teimosia, já desdenhosamente em relevo, em querer poupar ás penas da lei os antigos *caciques* d'esta malfadada terra, continuaremos a campanha em successivos artigos, até que dos poderes superiores venham ordens terminantes para que dêem entrada na cadeia aquelles que conspiram contra a Republica, ao serviço do negregado reaccionario bispo de Coimbra.

Em Figueiró dos Vinhos não se faz cumprir nem respeitar a legislação da Republica, com magna offensa dos principios que inspiraram as novas instituições!

Este é tambem um facto gravissimo, a que urge pôr termo e é preciso que os magistrados, a cargo de quem está o desempenho d'essa alta missão, se não julguem invulneraveis ao ponto de, *n'um encolher d'ombros desprezador*, deixarem passar por cima dos artigos da lei carros e carretas só porque atrelados a elles vão os magnates triumphantes dos tempos antigos... A lei é só uma. E essa mesma lei que invocamos para punir os conspiradores de Figueiró, é aquella com que ha muito nos teriam esmagado nos tribunaes aquelles a quem accusamos, se, como elles, nos tivéssemos collocado sob a sua alçada. Para nós não haveria commiseração possivel, temos d'isso a certeza!

E a prova clara, evidente, de que assim succederia é attestada pelas suas ameaças de que *quem não é por nós, é contra nós!*...

Dissemos no nosso ultimo numero que queriamos a questão posta nos tribunaes e vemos que as affirmações que fizemos foram tidas em menos consideração do que mereciam e que, pelo contrario, se põem a coberto os traidores, os jesuitas, os reaccionarios que criam difficul-

dades á Republica, conspirando contra ella miseravelmente.

Não nos assusta a *protecção* que dos altos poderes do Estado dizem ter os *monarchistas* de Figueiró; mas o que é grave, o que desde já nos faz horror — dizemo-lo com franqueza — é pensar que, seja qual for o motivo, elles podem impunemente *manobrar* contra nós e, consequentemente, contra a Republica!... Pois não está provado que Manuel Pereira Baeta de Vasconcellos, sem ser convidado, assistiu á reunião do clero arciprestal, influindo directamente no animo dos parochos para que estes não reconhecessem a lei da separação?!

— Resta ainda d'isto alguma duvida? — Não.

Não declararam já os mesmos «monarchistas» pelo seu orgão *O Figueiroense*, que não iriam *voluntariamente* á repartição do registo civil? — Resta d'isto alguma duvida? — Não.

O sr. Manuel de Vasconcellos não deu já a prova *real* d'isto mesmo com um acto publico, recusando-se a ir áquella repartição testemunhar um casamento, para o fazer depois religiosamente? — Deu. Então porque se espera mais? Espera-se pela apregoada restauração monarchica?

Não queremos precipitar considerações, nem pretendemos fazer insinuações aos deveres de outrem, posto que tenhamos o direito de o fazer. Mas o que nós queremos — e para isso o dizemos bem alto — é que ninguem, absolutamente ninguem, tenha o direito de affrontar jesuiticamente os principios que defendemos, quer na politica, quer na religião! — Pedimos justiça, certos de que justiça será feita. E, no dia em que nos convenceremos de que no-la negam positivamente, a nossa voz erguer-se-ha mais alta e então ninguem terá o direito de queixar-se.

Foi para isso que em Portugal se implantou a Republica. E, ou a Republica não é essa Luz clara que nos alumia o espirito, ou os povos se saciarão em breve da justiça que por largos annos almejavam baldadamente.

* * *

Aos illustres ministros da Repu-

blica nos temos dirigido e continuaremos a dirigir, até que no parlamento se possa levantar pela voz das nossos deputados esta questão, de que fazemos uma questão de principios, uma questão de honra. E, se appellamos para os grandes democratas, que hoje têm a direcção suprema do paiz, é porque a elles mais rigorosamente compete velar pela integridade da Patria e segurança da Republica. E se não fórmos ainda ouvidos, o que estranhámos, nem por isso deixaremos de continuar escarpellando o já descabellado coiro dos farçantes que, por todos os modos, pretendem investir-se do mando para continuarem no grande rega-bofe com que, mais de trinta annos, se têm regalado fartamente, rastejando-se aos pés do bispo de Coimbra, como lacaios do regimen despotico que serviram e por que aneiam.

São factos estrondosamente escandalosos, os que vimos apontando e cuja veracidade não pode ser posta em duvida.

— Em Figueiró dos Vinhos ha monarchicos que, dizendo-se republicanos, atraçoam a Republica, porque não reconhecem as suas leis, porque affrontam e desprezam as suas leis, porque procuram levar o povo á rebelião contra as suas leis!

Não nos cançaremos de repetir isto!

— Ultimamente, o bispo de Coimbra enviou circulares ao clero d'este arciprestado, incitando-o contra os arrolamentos dos bens das egrejas, tendo-se feito isto por meio de um dos *chefes* dos *monarchistas* de Figueiró, havendo provas do que deixamos dito.

— Ultimamente, alguns *cata-chefes* dos *monarchistas* de Figueiró, andaram em uma das freguezias do concelho espalhando boatos infamissimos, a proposito da separação das egrejas do Estado.

— Estes mesmos *monarchistas* têm em Lisboa *agente*, para junto do sr. Mi-

nistro do Interior nos desacreditar por todos os meios, chegando ate a insinuar-se que os povos d'este concelho não querem ser admistrados pelos seus actuaes dirigentes, isto com o fim, jesuiticamente planejado, de revoltarem o povo por meio de boatos falsos e dizerem depois que a sua indignação é contra nós e não contra a Republica. E', pois, preciso que o democrata Antonio José d'Almeida esteja precavido contra tal *figurão*, que é o descarado auctor de certas falcatruas arranjadas n'esta comarca, para apanhar dinheiro, as quaes virão brevemente á luz da publicidade juntamente com o seu nome, visto continuar desvergonhadamente arvorado em *poder occulto*.

— E' preciso não se esquecer que os *monarchistas* de Figueiró, sob a chefia do venerando jesuita Manuel de Vasconcellos, *forneceu ao seminario de Coimbra uma falsa moção de intrasigencia contra a lei da separação, assignada por parochos que não assistiram á reunião do arciprestado!* — E' preciso que isto não se esqueça, mas é tambem preciso que se não perdoe.

— Quando ultimamente os republicanos de Figueiró percorriam as ruas da villa, ao som da *Portugueza*, dando vivas aos Drs. Affonso Costa, Antonio José d'Almeida, Governo Provisorio, Maçonaria, associação do Registo Civil e separação da igreja do Estado, o partido *monarchista-reaccionario* não se fez representar, indo os seus *chefes* e *cata chefes* refugiar-se no coio jesuitico, onde todas as noites se reunem, cujas janellas fecharam para não serem incommodados pelas notas vibrantes do hymno nacional! Não perdem um unico ensejo para fazerem manifestações hostis á Republica e apregoam com ar pedantesco que gosam dos seus favores e que está para breve o dia em que serão empossados do mando! Isto não é só extraordinario; é simplesmente vergonhoso. — Os traidores, os reaccionarios, os jesuitas terem a petulancia de dizer em publico que em breve estarão no poder, levando até a sua audacia a dizerem que fizeram exonerar o proprio governador civil, o grande democrata dr. José Eduardo Raposo de Magalhães e que o seu successor é pessoa da sua confiança!!!

— E' demais, sr. Ministro do Interior, isto vae attingindo as raias do escandalo maximo e é preciso que V. Ex.^a, por intermedio do seu representante n'este concelho, ou por qualquer outro que o seu alto criterio indique, peça contas a estes boateiros infames, que se estão abusivamente servindo do seu nome, para alimentarem a fogueira infernal dos seus jesuiticos intentos. O vosso nome não poderá continuar a servir de *capa* aos embusteiros que attentam tão flagrantemente contra o regimen que, para ser um facto, exigiu o vosso assento glorioso na *Alta Venda*.

ECHOS

RESPONDENDO

Extranhou o «Figueiroense» a minha *phraseologia*, que classifica do porca.

Terminantemente declaro aos meus adversarios que nos diversos artigos, que a seu respeito tenho escripto, não se en contra uma unica palavra que se refira á vida privada de qualquer cidadão.

Não estou disposto a abdicar do meu direito de apreciar os actos politicos dos meus adversarios, ou de qualquer outra pessoa, nem tão pouco os de algum funcionario publico, que diga respeito ao exercicio das suas funcções.

A critica, resultante da analyse que eu tenha de fazer, nem sempre poderá ser agradável aos individuos alvejados, e foi isso o que se deu com o «Figueiroense».

Negam os meus adversarios que á reunião do clero do arcebispo fosse o sr. dr. Manuel de Vasconcellos. Pois negam uma verdade, e por consequencia mentem. Mas mentem com quantos dentes têm na bocca.

Repito, esse venerando jesuita — a quem o «Figueiroense» chama *venerando democrata*. — foi a essa reunião, sem nada lá ter que fazer, e fez-se portador do jornal «A Nação», que em artigo de fundo pregava a intransigencia perante a lei da separação, apresentando-o á apreciação das pessoas que allí estavam para definir a sua attitude perante essa lei.

Que quererá isto dizer? *Para bom entendedor meia palavra basta.*

Assim se explica que o arcebispo reverendo Diogo de Vasconcellos apresentasse a sua moção de absoluta intransigencia, e assim se explica tambem que essa moção fosse votada pelo reverendo Accurcio d'Araujo Lacerda, irmão do sr. Joaquim Lacerda Junior.

Eu sei muito bem que estes dois eclesiasticos podem ter opiniões diversas da de seus irmãos, mas, desde que o sr. dr. Vasconcellos cahiu na esparrela de manifestar por aquella forma a sua opinião, vê-se logo que o assumpto tinha sido *previamente discutido em conselho de familia*.

A comprovar esta minha convicção muito brevemente lançarei ao conhecimento do publico uma circular confidencial dirigida ao clero, com o subscripto feito *com letra muito conhecida, d'um dos meus adversarios, que diá ter adherido.*

Se o «Figueiroense» continuar a afirmar que o sr. dr. Vasconcellos não foi á reunião do clero desde já lhe declaro que publicarei cartas d'alguns eclesiasticos, que assistiram a essa sessão e n'ella votaram.

Da mesma forma hei de vêr se me auctorisam a tornar publica a attitude extravagante do reverendo Accurcio Lacerda, que a par d'um intransigente espirito jesuitico revela enorme insensatez.

Espero que isto não seja assumpto para muito tarde.

Então terá o publico occasião de apreciar que só com factos tenho accusado os meus adversarios, que têm descido aos mais baixos e indignos expedientes para me inutilisarem.

Desde uma persistente e infame campanha pessoal tecida em toda a parte onde o meu descredito possa aproveitar á sua politica, especialmente em Lisboa, até á mais audaciosa forma de publicamente me attribuirem actos de rebelião, de tudo elles têm usado, supondo servir as suas aspirações e febril ambição de mando.

Não me incommoda nada a forma extravagante e algo imbecil porque elles me têm atacado, porque facil me é demonstrar a mentira e baixa calumnia nos factos que me são assaccados.

No que respeita a uma campanha pessoal que nada justifica nem ninguém provocou, tractarei de averiguar o que a tal respeito ha de verdade, e depois ajustaremos contas pela melhor forma.

Para isso ainda me hade sobrar coragem e tempo para fazer uma viagem, se precisar de sahir para liquidar essas contas. Quem está longe tambem se apanha.

Nessa altura é que ficarei sabendo se o sr. Joaquim Lacerda & C.^a têm na sua *pharmacia seguro remedio para uso proprio*, como diz.

Aporca phraseologia que tanto incommodou o sr. Lacerda não o é mais do que a do «Figueiroense», que reza assim: «O que havia de produzir a sementeira da *vossa patifaria*, já está colhido e encheu vos bem o papo!...» Que quereis dizer com isto traficantes politicos, impostores, hypocritas?

Bem sei que eu e os meus amigos vos temos incommodado, obstando a uma vida de exclusivismos e mandos despoliticos, como a vossa, e estamos inabalavelmente resolvidos a mantermo nos em absoluta intransigencia com os vossos processos, com os quaes não concordamos.

Comvosco não queremos nada.

A nossa orientação, o nosso feito e processos são diferentes dos vossos, não se conjugam, e por isso temos que viver sempre em luta aberta e sem treguas.

Pela parte que me toca não vos temo, ou a luta seja de peito descoberto como na explanada de um quartel, ou traiçoeira e covarde como a que vindes fazendo. porque combato convencido que defendo a justiça dos desprotegidos e dos opprimidos.

Seria agora occasião de vos perguntar quaes os proventos que tenho d'esses logares, que por vezes têm enchido as columnas do vosso jornal? Mas para quê, se tudo isso me enoja e nada me incommoda? Em todo o caso, farçantes politicos de leilão, dizei ao povo, para quem escreveis, e que pretendeis continuar a ludibriar, em que consistem esses proventos *dos meus numerosos empregos!*

Vá, dizei-lhe a verdade, grosseiros hypocritas.

Dizei-lhe tambem em que consistem as *irregularidades da nossa administração!*

Vá bandoleiros politicos, não é só mentir, é preciso que se diga toda a verdade.

Ao menos revesti d'uma certa honestidade a vossa mentira, porque até a mentir se pode ser honesto.

Ha quem da mentira e da calumnia use habitualmente como arma de defesa ou de ataque, sem respeito nenhum pela mais ligeira noção da verdade, e vós estaes n'esse plano; — ha tambem mentirosos, que não sabem mentir, que ruborisam, e esses são os honestos, se na mentira pode haver honestidade.

Vá lá, sede para ahi honestos uma vez sequer.

Hei de vos rasgar a mascara da infamia que trazeis afivelada a encobrir a vossa hypocrisia.

Hei de provar que tendes conspirado contra a Republica, incitando o povo analfabeto e inconsciente á rebelião contra as suas leis.

Posso garantir que se eu fosse auctoridade a quem incumbisse o dever de vos metter na *ordem*, os senhores já ha muito que n'ella tinham entrado. *E isto não obstante os senhores dizerem que se alguém fosse preso haveria muitas mortes!* O diabo é que podia muito bem succeder que viessem para buscar lá e ficassem tosquiados.

Hei de tambem n'este jornal publicar os dados sufficientes para se ficar fazendo um juizo aproximado do que foi a vossa desgraçada e miseravel administração desde larguissimos annos.

Depois se verá a sinceridade e honestidade com que andaes n'esta persistente campanha.

Esperae um pouco que a ultima chibatada está prestes a fazer-vos cahir a mascara da vossa infamissima hypocrisia.

A POLITICA DE PEDROGAM

A campanha que aqui venho sustentando contra os baixos e miseraveis processos politicos ha muitos annos seguidos em Pedrogam, determinou alguém, que não conheço nem de quem nunca ouvi fallar, a vir á liça em defeza da sua terra e a constituição d'uma comissão, que se propõe defender a integridade do seu concelho.

Não posso levar a mal que cada um defenda a terra onde nasceu, pelo contrario considero isso um dever que se im-

põe a quem tem sentimentos patrioticos, mas no que discordo é dos meios de defeza de que se lança mão, *porque para defender não é indispensavel offender.*

Não quero desviar a attenção do meu objectivo essencial, que é apresentar todo o estendal das miserias politicas de Pedrogam, para demonstrar a justiça que assiste aos povos que hoje reclamam o reconhecimento dos seus direitos, e por isso afastar-me-hei de discussões impertinentes e sem valor para a minha causa.

Limitar-me-hei a argumentar com factos, e se a elles outros se podem oppôr, então entraremos em aberta e franca discussão.

Tudo o que seja o contrario d'isto está fora do meu programma e julgo-o prejudicial ao fim que tenho em vista, porque desejo apresentar os factos em toda a sua clareza, sem discussões que possam empanar a sua brilhantissima verdade.

Quero mostrar áquelles que não têm seguido de perto a politica de Pedrogam que os processos allí adoptados são de uma indignidade e baixesa, que deviam envergonhar os seus auctores, se elles tivessem a consciencia dos seus actos.

Quero tambem mostrar-lhes a forma miseravel e vil por que têm sido desprezadas e escarnecidas as mais legitimas reclamações dos povos, vilipendiados nos seus mais sagrados direitos pelos *mandões* que julgavam dispôr d'um concelho inteiro como de roca de pretos.

Quero finalmente provar-lhes que esses povos ha tanto tempo escarnecidos pela sede do concelho, parecendo dormir um pesado somno de soffrimento que enervava a sua energia, vão acordar para a luta, absolutamente dispostos, *ainda pelos meios mais arriscados*, a mostrar a sua força, a sua vitalidade e a fazer valer os seus direitos.

Hão de todos ficar convencidos que não é impunemente que se calcam a pés os sagrados e incontestaveis direitos dos povos e que se escarnecem as suas mais legitimas aspirações.

Vão tirar a dura lição dos factos, na certeza que na luta leonina que vae travar se, determinada pela falta de honestidade politica, pela insensatez e pelo espirito absorvente e exclusivista dos *mandões* de Pedrogam, não ha influencias capazes de nos vencer ou inutilisar.

A justiça reclamada pelos povos ha de ser reconhecida pelos altos poderes da Republica, que hão de vêr nas nossas reclamações os gritos d'um povo vilipendiado, que quer libertar-se da oligarchia absolutista que o tem dominado.

Com factos e só com factos tenho argumentado, e assim tenciono continuar na minha campanha.

No numero passado transcrevi dois protestos apresentados em sessão da camara pelo vice-presidente Manuel Antunes Ceppas e vogal Manuel Alves Bebianos. Vou hoje transcrever um outro protesto apresentado pelos mesmos cidadãos.

3.º Protesto apresentado em sessão de 25 de maio pelo vice-presidente da camara Manuel Antunes Ceppas e vogal Manuel Alves Bebianos.

Tendo esta camara deliberado em sua sessão de 18 do corrente mez que a freguezia de Villa Facaia fique pertencendo á assembleia de Pedrogam Grande, e representando essa deliberação uma violencia e uma injustiça feita aos povos de Villa Facaia, visto que estão mais perto da Graça se assim mais commodamente podem votar n'esta assembleia, do que na de Pedrogam; Attendendo ainda que a assembleia de Pedrogam, fazendo d'ella parte a freguezia de Villa Facaia, tem 1.429 eleitores, e a da Graça 315, quando se Villa Facaia votasse na Graça ficaria esta assembleia com 655 eleitores e a de Pedrogam com 1.089, os abaixo assignados protestam contra tal deliberação manifestamente abusiva e arbitraria.

(a) Manuel Antunes Ceppas
Manuel Alves Bebianos

Tanto este como os dois protestos referidos no numero anterior deviam ter sido transcriptos na acta e d'ella fazerem parte integrante.

Pois querem saber o que fazem essas creaturas, que n'este momento parece pretenderem armar em victimas das ambições da Castanheira?

O presidente Francisco Antonio Barreto Leitão, *eleito* arbitrariamente contra a expressa disposição do art. 13 e § 2.º do cod. adm. em sessão de 18 de maio, **propõe que os protestos apresentados pelo vice-presidente Manuel Antunes Ceppas e vogal Manuel Alves Bebianos fiquem archivados na secretaria da camara sem d'elles se tomar conhecimento, sendo esta proposta approvada por todos os vogaes de Pedrogam!**

A qualquer pessoa de bem e de regulares sentimentos de honestidade podem estes processos repugnar, como indignos de quem tenha a consciencia dos seus actos.

Aos politicos de Pedrogam nada elles repugnam, antes constituem *moeda corrente* no meio, usados de ha muitos annos a esta parte e reiterados impudicamente no tempo da Republica.

E digam com toda a franqueza áquelles que mais interesse têm em que a reputação, o prestigio e bom nome da sua terra esteja superior a estes baixissimos e miseraveis expedientes, se n'elles ha a menor sombra de dignidade ou se elles são os taes elixires de moralidade tão apregoados quando n'aquelle concelho imperava o arbitrio do sr. Julio Farinha da Conceição?!

E foi para miserias d'estas que a camara de Pedrogam, anavalhando as mais claras disposições da lei, *inventou* o presidente Francisco Antonio Barreto Leitão!

Isto mette nojo e causa nauseas! E', como diz o «Figueiroense», digno de magia d'Offenbach!

Quem ensinaria coisas tão bonitas a estes concipuos e eruditos cidadãos?

Lá ia eu a descambar para estes cavalheiros de Figueiró, tambem de processos não menos extraordinarios do que áquelles que tenho vindo apontando aos politicos de Pedrogam.

Agora estou servido. Mettido entre dois fogos, não sei como resistir.

Na verdade os factos que deixo relatados servem não só para comprometter a dignidade das pessoas que n'elles intervêm, como o bom nome e prestigio da camara, que acima de tudo se devia manter.

A ninguém resta duvidas que em taes actos tem responsabilidade o cidadão Antonio Jacintho David, de mãos dadas com o politico extraordinariamente arbitrario, seu inimigo d'hontem, Julio Farinha da Conceição.

Mas não pára aqui a immensidade de loucuras praticadas pelos politicos de Pedrogam, que ha muito tempo perderam o senso commum e a mais elementar noção de respeito pelos direitos e regalias alheias.

O presidente da comissão municipal Antonio Jacintho David, depois de ter alapado o processo eleitoral da comissão parochial da Castanheira, **alapa tambem os documentos que comprovam a organização e installação do Centro Republicano Ribeira de Pera, que iam diripidos ao Directorio para o respectivo reconhecimento.**

Para provar a baixissima envergadura politica do cidadão Antonio Jacintho David, que afinal aquilata com a de todos os politicos que têm ha muitos annos dirigido os destinos de Pedrogam, não bastava a monstruosidade dos factos que tenho apontado, era ainda necessario que elle, abusando da boa fé dos povos e da confiança n'elle depo itada, *commettesse* o baixissimo acto de *alapar* documentos a que devia ter dado o seu destino.

Taes documentos, repito, não passaram de Pedrogam, mas nem por isso o cidadão

Antonio Jacintho deixou de dar a sua palavra d'honra por escripto que elles tinham sido enviados para Leiria, sendo certo que ha provas *tambem escriptas* em como não deram entrada na commissão districtal!

Afinal os miseraveis expedientes de que se lançou mão não produziram o effeito desejado, porque a Castanheira conseguiu fazer valer os seus direitos no Directorio, sendo reconhecidos o Centro e Commissão parochial. Claro está que isto custou o dobro de trabalho, porque tiveram de se organizar novos processos.

Tém estes actos preparado a actual situação de *absoluta irreductibilidade* entre os povos, que nada poderá sanar.

Não podemos nem queremos continuar a viver com Pedrogam, e temos fé em que as nossas justissimas reclamações hão de ser attendidas pelos altos poderes do Estado, a quem nos havemos dirigir, demonstrando a razão dos nossos direitos e reclamando que justiça nos seja feita.

Os povos tão brutalmente escarnecidos e tão miseravelmente vilipendiados não podem continuar sujeitos ao dominio oppressor de meia duzia de *mandões*, que se julgam transportados a terras de pretos.

Cremos bem que a hora da justiça está prestes a soar, e feita que ella seja não queremos mais lembrarnos das aviltantes perseguições feitas ao povos, que hoje se levantam em defesa dos seus direitos.

Até lá gritaremos:
Justiça! Justiça! Justiça!

Miguel A. A. Correia.

Carta supplicante de Frei Manuel das Dores ao Geral da ordem Frei Jeronymo do Menino Deus

Aquí venho, *padre Santo*,
Rogar-vos humildemente
Que p'ra meu tão triste pranto
Lanceis vosso olhar clemente,
Vós que podeis tanto e tanto...

Vieram cá p'ro convento
Sete peccados mortaes,
Meu castigo, meu tormento,
E fazem *disturbios* taes
Que não descanço um momento!...

O meu logar me *lamberam*
D'uma maneira indecente:
A' pedrada me correram
Do logar de presidente,
Pois a tanto se atreveram!

Oh horror! desolação!
O meu pranto não enxugo.
Pois um diabo verdugo
Até tirou d'escrivão
Nosso santo *Frei Texugo*.

Já não é procurador
O *padre mestre Trabuco*,
Fizeram-no guardador
De porcos... Eu embatuco
Com tal vida, tal horror!!

Nem já no meu *oratorio*
Estou livre d'arrelias,
Pois elles... que cebolario!
Até fazem gritarias,
Dando *morras e vivorio*...

A tão triste situação
Ponde termo meu *santinho*.
Se não lhe podeis ter mão,
Pedi ao sant' *Antoninho*
Que lhes dê excommunhão!!!

Mui grato pelos favores
Sou vosso
Manuel das Dores

Bocadinhos d'ouro

Um dos redactores do *Figueiroense* vem tolamente chamar a nossa attenção para uns *bocadinhos d'ouro*, como se tratasse de algum processo... *aurifero*.

Não costumamos perder tempo com respostas inuteis; mas, como o *Figueiroense* nos pucha pela lingua, sempre lhe diremos que nos taes *quarteis* devem estar os seus redactores — e entre baionetas — visto que escoicinham a Republica, como refinados *couceiros*...

"A Nação,"

Este nosso collega da capital queixa-se maguado de umas referencias que no ultimo numero do nosso semanario lhe foram feitas. A absoluta falta de espaço com que lutamos inhiibe-nos de fazer algumas justas reflexões sobre o assumpto, o que no proximo numero faremos.

CORRESPONDENCIAS

Festividade

CAMPELLO, 12.— Nos proximos dias 24 e 25 do corrente, realisa-se pela primeira vez com muita pompa, no Fontão Fundeiro, a festa da Nossa Senhora da Saude.

No dia 24 á noite queimar-se-ha um lindo fogo de artificio dos mais surprehendentes effeitos, sendo a cerimonia religiosa no dia 25, orando o reverendo padre José Rosa, um dos mais brilhantes ornamentos da tribuna sagrada. Haverá missa solemne a grande instrumental, seguindo-se também a procissão que percorrerá as principaes ruas da povoação, incorporando-se n'ella muitos devotos que vão offerecer á veneravel imagem muitas fogaças que depois serão vendidas em hasta publica. Esta festa será abrilhantada pela afamada philharmonica Castanheirense que executará um vasto repertorio.

São promotores d'esta festa os srs. José Simões Barreiro, José Simões Lucas, Manuel Nunes Rodrigues, a quem felicitamos muito sinceramente por tanto se terem interessado pelo brilhantismo que vão dar a esta festa, o que representa para o Fontão um melhoramento que muito illustrará os seus promotores.

Correspondente.

NOTICIARIO

Joaquim Lopes de Paiva

Depois de ter estado alguns dias na sua quinta do Ribeiro Travesso, retirou hoje para Lisboa o sr. Joaquim Lopes de Paiva.

— De regresso das Caldas de Aregos passou n'esta villa com sua esposa, o sr. Gustavo Alves Bebiano, da Castanheira de Pera.

— Pelo vapor de 7 d'este mez embarcou para a Beira (Africa) o sr.

João Zagart Henriques, do Carameleiro.

— De passagem para a Castanheira de Pera, onde se encontram, vimos n'esta villa os srs. José Fernandes de Carvalho e Albano Carvalho, do Porto.

— Regressaram de Evora os srs. Manuel e João dos Santos Abreu, d'esta villa.

— Para Coimbra passou n'esta villa o sr. dr. Albano Henriques d'Almeida, das Sarsedas.

Carlos Graça

Já se encontra convalescente na sua casa de Altardo, o sr. Carlos Graça, o que muito estimamos.

Dr. Pereira d'Almeida

Esteve n'esta villa o sr. dr. Pereira d'Almeida, redactor do nosso collega «O Povo de Pedrogam».

Filippe José da Cruz

Encontra-se n'esta villa o sr. Filippe José da Cruz, habil organista, da Figueira da Foz, que a convite d'alguns seus amigos vem reger a a philharmonica «Uniao Republicana Figueiroense» nos festejos de S. João, que este anno premetem ser deslumbrantes. O mesmo senhor fará também a festa de igreja, executando no organ bellas symphonias.

— Estiveram n'esta villa os srs. Manoel Filippe Thomaz, Eduardo Barata Salgueiro e Manuel da Silva Correia, do Troviscal; Joaquim Fernandes Dias, Vicente Henriques Fernandes, do Carregal Cimeiro; José Henriques Barata, da Gestosa; Antonio Salgueiro, de Aguda; Antonio Francisco Coelho, da Lameira; Adrião da Silva Graça, de Altardo; José Valentim de Carvalho, do Outão; Eduardo Dias de Carvalho, de Villa Facaoia e José Duarte Moreira, da Lomba da Casa.

Julgamento

No tribunal d'esta comarca continuou no dia 12 o julgamento de Francisco Gabriel, da Lavandeira, accusado pelo ministerio publico de offensas corporaes e resistencia á autoridade, não se tendo concluido, pelo que ficou marcada a sua continuação para o proximo dia 30. Terminado que seja este julgamento faremos então mais minuciosamente o seu relato.

Festa de S. João

E' hoje o primeiro dia de novenas de S. João, onde se fará ouvir o orgão executado pelo sr. Filippe José da Cruz. A festa realisa-se nos dias 23 e 24 do corrente, constando-nos que será imponente e cujo programma se distribuirá opportunamente. O fogo de artificio é fornecido pelo habil pyrotechnico sr. José Nunes e Silva, da Certã, e será queimado no dia 23.

— Regressou de Almeirim a Aldeia de Anna d'Avis, o sr. Manuel Henriques Junior.

AVISO

A firma commercial da praça da Covilhã, Fernando da Cruz & Filhos, faz publico que tem pendente na comarca de Figueiró dos Vinhos uma acção contra Manuel da Silva Eiras e mulher Maria Rosa Helena, das Sarsedas do Vasco pedindo-lhes o pagamento da quantia de 204:954 reis e juros.

Fica o publico por esta forma prevenido para não lhes comprar quaesquer bens, sob pena de se promoverem as respectivas acções contra os vendedores e compradores.

O advogado

Miguel A. A. Correia

Comarca de Figueiró dos Vinhos

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca, cartorio do escrivão Ferrão, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação, citando os interessados José da Silva, de dezete annos e Manuel da Silva, de quinze annos, solteiros, auzentes em parte incerta no Brazil, para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de sua mãe Joaquina Alves, moradora que foi no logar das Brazinas, freguezia da Castanheira, em que é cabeça de casal Joaquim da Silva, viuvo da inventariada, sob pena de revelia.

Figueiró dos Vinhos, 7 de junho de 1911. E eu, Annibal Veiga Ferrão Paes, escrivão do primeiro officio, que o subscrevi.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Pereira Solla

ANNUNCIO

(1.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito d'esta Comarca se faz saber a todos os interessados, que foi prorogado o praso para a correição, que já também havia sido prorogado desde 6 de abril a 4 do corrente, por mais 60 dias que começaram em 5 d'este mez até ao dia 3 de agosto proximo futuro:

Pelo presente são convidadas todas as pessoas que tenham queixas a fazer contra qualquer funcionario sujeitos á correição, a apresentá-las ao Juiz de Direito d'esta comarca.

Figueiró dos Vinhos, 12 de junho de 1911.

Verifiquei

O Juiz de Direito,
Pereira e Solla.

O escrivão do 1.º officio,
Annibal Veiga Ferrão Paes.

BENJAMIM A. MENDES

Loja dos Quatro Globos

FIGUEIRO DOS VINHOS

Estabelecimento de mercearias, vinhos finos e champagnes. Fazendas brancas, lindos cortes para vestidos de senhora, de bellas fazendas de lã, ultimos padrões.

Armazem de ferro, folha e aço, camas de ferro, louças e vidros, carboreto de calcio por junto e a retalho.

O proprietario d'esta casa diz a todos os consumidores que, devido ás grandes compras e condições em que as faz, se limita a fazer uns preços a todos os generos do seu negocio como ninguem; e para acreditarem lembra a todos que não comprem sem primeiro visitarem o seu estabelecimento só, e assim se certificarão da verdade.

VINHOS

Isidoro Nunes Baptista

POMBAL

Tem no seu deposito proximo á estação do caminho de ferro vinho de primeira qualidade, que vende a preços sem competencia devido ás grandes compras que realisou. Também vende estes vinhos na propria adega do lavrador.

Atenção srs. taberneiros!

Tambem tem trens de aluguer com boa parelha prompta a sahir a toda a hora para viagem e passeio.

MADEIRA DE CASTANHO

Vende-se uma porção para construcções,

BOMBA MANUAL DE VOLANTE JACTO CONTINUO

Vende-se uma que tira 100 litros d'agua por minuto.

Gustavo Bebiano

Castanheira de Pera

Querereis tomar bom café?

A titulo de experiencia compra uma pequena porção do que se vende no estabelecimento de

O BARATEIRO DO POVO

e assim vos certificareis da verdade.

Kilo 800 reis

Agencia funeraria

Abilio Henriques e Antonio Alves Callado, previnem o publico, de que acabam de montar uma casa funeraria com todos os artigos concernentes a este ramo de negocio, taes como caixões, pégas e pés para os mesmos em metal e madeira dourada e borlas em todas as cores. Encarregam-se de armar eças e de tratar de qualquer funeral. Também se encarregam da encommenda de urnas de mogno para o que tem contracto especial com as principaes casas.

Tambem tem um deposito com grande quantidade de adubos chimicos para sementeira de batatas, milho cereaes e outras culturas.

Preços sem competencia.

Dirigir a Abilio Henriques ou Antonio Alves Callado.

CASTANHEIRA DE PERA

Chapeus, guarda soes e sombrinhas, bengallas, tapetes, gravatas e collarinhos.

Chegou novo sortido ao estabelecimento de

O BARATEIRO DO POVO

Rua Luiz Quaresma Val do Rio

Figueiró dos Vinhos

ATENÇÃO

Antonio Alves Callado, agente de varias Companhias, taes como Garantia do Porto, Portugal Previdente, de Lisboa nas que se encarrega de fazer todos os seguros de vida terrestre, sendo tambem agente da acreditada Companhia de Machinas Singer, cujas machinas vende a prestações e a prompto pagamento com grandes descontos, bem como vende todas as peças soltas, oleo e agulhas encarregando-se de todos os concertos nas mesmas. Igualmente vende cofres á prova de fogo, fogões, camas de ferro e de madeira e outros moveis.

CASTANHEIRA DE PERA

Officina de Serralheria

DE

JERONYMO RODRIGUES PINHÃO

FIGUEIRO DOS VINHOS

Executa todos os trabalhos concernentes á sua arte, como grades, portões, nóras de todos os systemas, moinhos a aermotor, carruagens, etc., tudo por preços modicos.

Na villa de Pedrogam Grande

Grande deposito de adubos chimicos para todas as sementeiras

o maior deposito na região do Zezere

Vendas por atacado e a retalho. Aos revendedores, preço da fabrica

Fstes adubos são da mais antiga e acreditada fabrica—HENRY BACHOF-FEN & C.^a — Lisboa, a quem os srs. consumidores podem dirigir os seus pedidos, ou ao depositario — com vendas exclusivas nos Concelhos de Pedrogam Grande, Figueiró e Certã.

MANUEL RODRIGUES

Largo do Adra

PEDROGAM GRANDE

FABRICO DE Lã E SEDA

MIGUEL C. ROSINHA
FIGUEIRO DOS VINHOS

Neste importante estabelecimento fabril o unico no seu genero executa-se toda a qualidade de chalaria desde o mais barato ao mais fino; encarregando-se de qualquer exclusivo para armazen.

Artigo de absoluta garantia a preços sem competencia.

Agencia da Companhia dos Tabacos de Portugal

Deposito para fornecimento dos concelhos de Figueiró, Pedrogam Grande, Alvaizere e Ancião.

CHARUTOS EXTRANGEIROS

De diversos preços

DESCONTOS

Aos possuidores de licença de venda DEPOSITO DE PHOSPHOROS

AGENCIA DE BANCOS

E diversas casas bancarias do Paiz e estrangeiro

COBRANÇA de etras sobre todas as terras do paiz.

PAGA CHEQUES letras e ordens de pagamento, sobre todas as praças do paiz e estrangeiro.

SEGUROS CONTRA JOGO

Nas melhores Companhias sobre Predios, Fábricas, Estabelecimentos, Mobilias, Animaes, Cortiças, Arvoredo Ceareas, etc., a preços modicos.

Agente, José Manuel Godinho.

MACHINAS PARA INDUSTRIA FABRIL

Três sortidos de cardas. Duas Escôvas. Uma pércha com largura para chales. Uma machina a vapor. Uma prênsa manual. Tambores de ferro para transmissões.

VENDE

Manoel Antunes Ceppas

CASTANHEIRA DE PERA

SEGUROS CONTRA FOGO

“COMPANHIA INDEMNISADORA”

Agencia de Figueiró dos Vinhos

N'esta agencia fazem-se seguros de todas as especies. Dirigir ao agente

José Miguel Fernandes David

(O BARATEIRO DO POVO